



## **Mídia sonora: linguagens e tecnologias em tempos de convergência multimidiática a partir de duas pesquisas realizadas entre 2010 e 2011 em Alagoas<sup>1</sup>**

Noemia Monteiro BITO<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

### **RESUMO**

Este artigo trata da mídia sonora: linguagens e tecnologias em tempos de convergência a partir de duas pesquisas realizadas entre 2010 e 2011 no Estado de Alagoas. Estrutura-se a partir de cinco argumentos a favor do aprendizado das tecnologias às quais a mídia sonora vem sendo associada e de dois exemplos de *webcasting* sonoro: o de utilização de Podcast Jornalístico pela Rádio Comunitária Camaragibe FM, em Matriz de Camaragibe–AL, e dos formatos *web rádio* e *podcast* no curso de Pedagogia Licenciatura a distância da Universidade Federal de Alagoas. Como fundamentação teórica: Paiva (2003), Lévy (2000), Reyzábal (1999), Haandel (2009), Almeida (2009).

**PALAVRAS-CHAVE:** Comunicação oral; mídia sonora; *webcasting* sonoro; *podcast* jornalístico; Educação a distância.

Este artigo foi elaborado principalmente para ser um material didático impresso para uso na oficina sobre mídia sonora, tendo por objetivo proporcionar noções básicas sobre a importância da comunicação oral através da mídia sonora, enfocando o contexto atual de convergência, que inclui tecnologias que dão suporte à *web rádio* e *podcasts*, por exemplo, e visando à formação de comunidades na atual sociedade em rede. Pretende ser uma exposição de argumentos a favor do aprendizado das tecnologias às quais a mídia sonora vem sendo associada, como o *streaming*, e uma breve discussão sobre a relação entre linguagem radiofônica e interatividade no mundo virtual. Para contextualizá-las, optamos por trabalhar os argumentos tendo por base duas pesquisas realizadas na Universidade Federal de Alagoas: uma pesquisa-ação realizada em 2010, através de projeto de extensão do Centro de Educação - CEDU, em parceria com a Rádio Comunitária Camaragibe FM, localizada na cidade de Matriz de Camaragibe-AL, e um estudo de caso sobre o *webcasting sonoro* no curso de Pedagogia Licenciatura na modalidade à distância da Universidade Federal de Alagoas.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado de 02 a 06 de setembro de 2011.

<sup>2</sup> Graduada em 2011 no Curso de Comunicação Social – habilitação Jornalismo do ICHCA-Ufal e mestranda em Educação Brasileira no PPGE-Ufal, email: [noemiabito@yahoo.com.br](mailto:noemiabito@yahoo.com.br).



Essa oficina integrava, junto com outras, o I Fórum Salesiano de Educação e Comunicação, de 04 a 06 de agosto de 2011, no Instituto Salesiano de Filosofia, localizado em Recife – PE, evento aberto ao público e cujo tema era “A internet como espaço de construção de sentido”. Vale dizer ainda que o evento foi organizado pela Congregação Salesiana, organização da Igreja Católica Apostólica Romana, que tem como fundador o sacerdote italiano João Bosco.

Um dos mais fascinantes pioneiros da educomunicação, Dom Bosco amou o teatro e a literatura, como teria amado o rádio, a TV e a internet. A educomunicação está sendo desenvolvida hoje como instrumento eficaz para prevenir o desânimo e a falta de sentido para a vida entre os jovens, propondo a expressão midiática nos espaços educativos como forma de construir cidadania (SOARES apud BRAIDO, 2004, contra-capá).

Dom Bosco era educador e comunicador a serviço da evangelização. O sistema preventivo de educação, por ele vivenciado mais do que teorizado, valorizava a comunicação humana, o estar junto, o saber ouvir os estudantes, os jovens. Sabia falar a linguagem deles e sabia também o valor do silêncio enquanto fonte de atitudes coerentes com um ideal.

A cada educador e comunicador perguntamos quais são seus ideais, sua concepção de ser humano, de educação e de comunicação. Isso é uma atitude fundamental porque a fala, tão importante em nossas atividades, reflete o que se alimenta em nosso interior (tanto quanto ou mais do que os olhos). Esses nossos ideais e valores os pesos individuais que utilizaremos para medir os cinco argumentos que apresentamos a seguir e que podem e devem ser questionados, como forma de animar a discussão entre os participantes da oficina (e os demais leitores) sobre a mídia sonora e a construção do seu significado na sociedade pós-moderna.

### **A mídia sonora destaca e valoriza a comunicação oral**

Imaginemos duas cenas do cotidiano para refletir sobre a comunicação verbal e não verbal presente neles. Uma pessoa está ao seu lado, falando algo muito importante para ela, e você, ouvinte, está completamente distraído, seu pensamento desviou-se para outras ideias. Com certeza, você está comunicando algo, não-verbal, mas muito provavelmente não agrada ao emissor da mensagem inicial, pois não é esse o comportamento normalmente esperado pelo emissor. Um educador é um comunicador e



um comunicador é um educador, exercem tanto papel de emissores quanto de receptores. Ambos tendo como um dos seus instrumentos de comunicação, senão o principal, a sua voz.

Uma dona de casa está cozinhando e ouve a sua rádio preferida. Seu filho chega da escola e traz diversas informações que aprendeu nos livros e com os professores. Sem estudo formal que a qualifique, a mãe acrescenta contextos ao que o filho fala, especialmente integrando-o à vida da comunidade. Questões sociais e políticas locais que ela foi assimilando das discussões do programa de rádio que lhe fornecia notícias de utilidade pública e realizava entrevistas todas as manhãs com diversos responsáveis por serviços e pelo governo e com especialistas de diferentes áreas. Educadora e comunicadora informal, primeira, principal muitas vezes.

Podemos e devemos valorizar o silêncio. Mas ninguém nega o valor da comunicação oral, o prazer de ouvir a voz amiga do outro lado do telefone, sua intensidade, sua entonação, suas pausas, seus ritmos. Idem para ouvir o locutor do rádio, que tantas vezes parece estar ao nosso lado, idem para ouvir a voz do professor ou do colega num curso à distância, por meio de uma web rádio-aula. A voz nos torna mais próximos uns dos outros. E dizendo isso não quero aqui desvalorizar os surdos e a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Eles, melhor do que eu, saberiam escrever o argumento sobre a importância da comunicação oral para o ser humano. E são prova viva de que o valor do ser humano está acima dos ditames da oralidade.

Reyzábal (op.cit., p. 54) destaca que

A comunicação é um processo complexo e global do qual a educação é parte e no qual a linguagem verbal somente é um componente a mais, ainda que, talvez, o mais significativo e eficaz para o ser humano. E dentro da comunicação verbal, a oral merece uma atenção especial nas instituições educacionais, não só porque sua frequência de uso em relação à escrita assim o aconselha, mas porque a tradicional falta de sistematização dos processos e formalizações do ensino e da aprendizagem neste campo exige um esforço inovador quanto ao rigor metodológico para a confecção de materiais didáticos específicos e para a concretização de instrumentos de avaliação.

Corremos constantemente o risco de esquecermos de educar nosso potencial oral, nossa dicção, nossa voz, nossa postura para falar. É ordinária a preocupação em se vestir ou em comer bem. Quantos de nós nos ocupamos de falar bem, especialmente em público? Um professor deveria refletir sobre a comunicação oral docente que lhe é peculiar. Um repórter, um locutor de rádio, também deve ter cuidados com o uso da



língua oral, da comunicação oral. Para auxiliar nessa tarefa, observemos a seguir as diferenças entre a língua oral e a escrita, de acordo com Reyzábal (op. cit., 57-8).

**Tabela 1** - Diferenças entre a língua oral e escrita segundo Reyzábal (op.cit., p. 57)

<b>Língua oral</b>	<b>Língua escrita</b>
Está constituída pelos sons (nível fonético).	Está constituída por grafias (nível grafêmico).
Realiza-se na presença dos interlocutores (salvo no caso da utilização de tecnologias especiais: telefone, rádio, gravações magnetofônicas ou de vídeo etc), o que implica imediatismo.	Não é realizada na presença do leitor e, portanto, não existe o estímulo-resposta imediato nem a readaptação espontânea.
As coisas ocorrem supostamente graças à situação. Elementos dêiticos, como aqui, agora, isto...	Deve incluir o contexto da situação.
Utiliza elementos verbais (supra-segmentais) próprios (pausas, entonações, ritmo, intensidade, duração...) e gestuais, corporais, etc.	Utiliza elementos verbais, iconográficos e gráficos: pontuação, margens, sublinhados, ilustrações, tipos de letras...
Costumam ocorrer múltiplas repetições, interjeições, exclamações, onomatopéias.	Costumam evitar-se repetições e o uso abusivo de interjeições, exclamações ou onomatopéias
Às vezes, rompe-se a sintaxe (anacolutos, desvios, omissões...) e usam-se, com certa liberdade, diferentes registros.	Cuida do léxico, a sintaxe parece ser mais explícita e coerente e costuma manter-se o mesmo registro lingüístico ao longo de todo o discurso.
O uso da oralidade é universal e sua aprendizagem é “espontânea”.	O uso da escrita não é universal e é aprendido “na escola”.
A fala tem caráter temporal	A escrita tem caráter espacial.
Quem fala tem pouco tempo para estruturar o discurso, por isso este pode ser menos preciso ou rigoroso do ponto de vista lingüístico	Ao escrever, pode-se cuidar mais da estruturação do discurso e até mesmo consultar dúvidas, corrigir, ampliar, acrescentar esquemas.

A estação de rádio a que estamos mais acostumados desde o nascimento do rádio enquanto meio de comunicação, utiliza a linguagem oral para se comunicar com seu ouvinte, seja ele analfabeto ou letrado. Basta saber a função dos botões e utilizar o aparelho receptor e seus ajustes de volume e estação. Há uma mescla de língua oral e língua escrita para quem deseja acessar a *web rádio* e o *podcast*. Esses formatos estão inseridos num conjunto tecnológico que exige um grau maior de conhecimento da língua escrita, e mais: que o seu ouvinte tenha uma boa fluência digital. A estação de rádio que acessamos sintonizando pelo celular também envolve um misto de linguagem escrita e oral, mas que requer também um maior esforço por parte do usuário que seja



um migrante digital, que está aprendendo a lidar com as tecnologias à medida que elas vão se tornando cada vez mais parte do nosso dia a dia. O celular é um suporte tecnológico físico, que aceita a transmissão sonora, que é a mídia sonora. O rádio no celular acaba sendo

A base da concepção deste texto reside, pois, na diferença que Moore e Kearsley (2008, p. 7) apresentam entre tecnologia e mídia. Segundo esses autores, a mídia se classifica em: texto; imagens (fixas e em movimento); sons; e dispositivos. Por sua vez, a tecnologia é apenas o veículo para comunicar e que acaba sendo associado à uma determinada mídia. Por exemplo: a tecnologia *streaming* é o veículo (um dos veículos) para comunicar o áudio na Internet, que é representado pela mídia sonora *online*. Além da mídia *online*, o som pode ser representado e distribuído em CDs, fitas de áudio, por telefone etc.

### **As características da mídia sonora demonstram sua versatilidade**

Segundo Filho (op.cit., p. 44-9), o rádio possui diversas características, dentre as quais se sobressaem: a sensorialidade (formação de imagens); penetração (público grande); regionalismo (valorização do local); intimidade (proximidade com o ouvinte); imediatismo e instantaneidade (velocidade); simplicidade (necessidade de menos aparatos); mobilidade (mais fácil locomoção); acessibilidade (custo do aparelho e tipos de alimentação elétrica e por pilhas); baixo custo (manutenção e investimento mais baratos que outras mídias).

Essas características não são diretamente associadas à *web* rádio, que inclusive exige a fluência digital do usuário. Além do mínimo grau de conhecimento da linguagem de rádio, a produção de rádio, especialmente para uma *web* rádio universitária, não poderá prescindir de recursos mais avançados, como o uso técnico de uma mesa de som digital e outros materiais como microfone, computador, softwares. Qualidade técnica é uma condição para o uso do recurso. Para uma *web rádio* universitária é preciso pensar em termos de equipe de redação, se possível com equipe que envolva seus próprios jornalistas, somando a eles a contribuição da Assessoria de Comunicação da Instituição (ASCOM), de um grupo apoio técnico de som e de informática.



## O uso da mídia sonora é potencializado pela convergência digital

Haandel (2009, p.[28]) afirma que:

*Webcasting* sonoro é um processo que acontece *online*, possibilitado pela tecnologia do *streaming*. Esse processo surgiu na década de 1990 e é o único dos processos de transmissão pela *Internet* que permite o acesso em tempo real ao conteúdo disponibilizado. Além disso, permite o envio de áudio e vídeo simultaneamente, configurando-se em um processo de transmissão multimídia. De modo similar ao *broadcasting*, o *webcasting* tem dois formatos: o *webcasting* sonoro, com foco na transmissão de som, e o *webcasting* de som e imagem, como a transmissão de canais de TV através da *Internet*.

Os formatos principais, segundo o autor, são: a *web* rádio, a *playlist*, o áudio *on demand* e o portal de áudio. Em resumo, apresento o que é cada um desses formatos a partir do trabalho de Haandel (2009).

- a) *Web* rádio – é a emissora de rádio, analógica ou digital, que transmite sua programação na Internet;
- b) *Playlist* – são listas de músicas que podem ser acessadas pelo internauta, de músicas selecionadas por ele ou por outras pessoas;
- c) Áudio *on demand* – é o áudio que fica hospedado no sítio e pode ser acessado virtualmente a qualquer hora, sendo possível pausá-lo, voltar ou adiantá-lo. O *podcast*, para Haandel (op.cit., p.[46]), é o que é entregue ao usuário através do *download*;
- d) Portal de áudio – é um sítio que reúne diversos canais de áudio que podem ser acessados por meio de *streaming* ou *download*. Nele podem ser encontrados diversos links para o streaming de várias *web* rádios e para seus sítios, e/ou são disponibilizados acessos para os formatos *playlists* e áudio *on demand*.

Em termos de educação a distância, a presença de diálogo é fundamental também. Almeida (2003, p. 334-5) recorda que a mediação, mesmo a distância, exige um profundo respeito à necessidade de diálogo entre os participantes dessa modalidade de ensino.

A distância, que pode afastar ou aproximar as pessoas, se refere à mediação pedagógica, sendo designada por Moore como “distância transacional”, cuja amplitude pode ser medida pelo nível do diálogo



educativo que pode variar de baixo a freqüente e pelo grau da estrutura variável entre rígida e flexível.

[...]

Os programas de EaD podem ter o nível de diálogo priorizado ou não segundo a concepção epistemológica e respectiva abordagem pedagógica.

[...]

O professor provoca o aluno a descobrir novos significados para si mesmo ao incentivar o trabalho com problemáticas que fazem sentido naquele contexto e que possam despertar o prazer da escrita para expressar o pensamento do outro, da comunicação para compartilhar idéias e sonhos, da realização conjunta de produções e do desenvolvimento de projetos colaborativos. Desenvolve-se a consciência de que se é lido para compartilhar idéias, saberes e sentimentos e não apenas para ser corrigido.

A importância do diálogo, portanto, não diminui na educação em que a tecnologia é utilizada ao extremo. Ela pode ocorrer também com o auxílio da mídia sonora. Aliás, a interatividade esta em alta em todas as tecnologias surgidas associadamente ao advento da internet. Quanto ao uso da mídia sonora num curso à distância, vamos destacar aqui o uso do *webcasting* sonoro no curso de Pedagogia Licenciatura a distância na disciplina de Saberes e Metodologias do Ensino de Ciências Naturais 1. Esse uso foi pesquisado por mim utilizando a metodologia de estudo de caso. A defesa da dissertação está marcada para setembro e seus resultados ainda serão avaliados de acordo com os instrumentos de avaliação determinados no design da pesquisa, mas já é possível afirmar que para os estudantes desse curso a experiência é inovadora, animadora, mas que também provoca dúvidas sobre como será a avaliação, visto que muitos não podem participar do momento ao vivo porque trabalham durante três turnos. É um desafio tecnológico a ser aprendido, ao mesmo tempo que a disciplina está em curso.

Já em termos de Jornalismo na cibercultura, destacamos o uso do *podcast* jornalístico como tecnologia alternativa e comunitária, que estudamos tendo como campo de uma pesquisa-ação a Rádio Comunitária Camaragibe FM. Percebemos que seu uso pode ser classificado em quatro tipos, conforme consta no trabalho de Bito e Bispo (2011), cujo artigo foi publicado no Intercom Nordeste 2011 e está disponível nos anais desse evento para quem desejar acessá-lo.

O uso da mídia sonora é potencializado pela convergência multimídia porque, segundo Herreros (2001: 216),



La radio digital abre la vía a un cambio de modelo comunicativo, al paso de la radio unidireccional a la radio multidireccional e interactiva. La técnica aporta El soporte, las posibilidades. La cuestión radica ahora en generar nuevos modelos comunicativos, un cambio de mentalidad, un desarrollo de nuevas maneras de comunicarse como ocurre en los modelos interpersonales. [...] La tecnología digital también aporta estas posibilidades multidireccionales. Es el desarrollo de modelos participativos que llevan consigo otros planeamientos y diseños de los contenidos.

Esse é nosso argumento mais forte: a comunicação não se faz só em ter emissor e receptor. Ela se amplia até alcançar a comunicação de todos para todos.

### **A constante renovação das linguagens e das mídias é própria do ser humano**

Enquanto indivíduos, percebemos o quanto nossa forma de nos comunicarmos com o mundo foi mudando ao longo dos anos. Devemos redimensionar essa imagem e pensar o quanto, ao longo da existência da humanidade, nos comunicamos com o mundo. Recentemente temos inclusive discutido mais sobre a forma como nos comunicamos com a natureza, com o meio ambiente. Quais seriam, então, as modificações na nossa linguagem que devem ser destacadas aqui com vistas à compreensão da mídia sonora nestes tempos de convergência?

Vimos que existem características próprias da linguagem escrita e outras próprias da linguagem oral. A linguagem radiofônica, tanto para Prado (2006) quanto Filho (2003) é sinal da qualidade do trabalho técnico de apoio da produção de material sonoro, por isso defendem e explicam o seu uso, especialmente a construção dos gêneros textuais. Ela também se renova constantemente.

Quando falamos, porém em relação à convergência digital, linguagem escrita e sonora e audiovisual estão cada vez mais integradas e articuladas. Eu não crio um *web rádio* tendo idealizando que meu ouvinte vai incluir os analfabetos. Num Estado como Alagoas, em que quase 50% da população é analfabeta funcional, é melhor falar em emissoras de rádio com receptores das ondas de rádio que são os aparelhos de som, do quem em *web rádio* para ser acessada no celular se o meu objetivo é atrair a maioria da população, a massa. Mas as duas convivem em harmonia quando o sentido é a formação de comunidades, porque há público para todas as variantes.

Lévy nos recorda que as novas tecnologias digitais causam impacto cultural e social, pois uma nova cultura cresce e se propaga no ciberespaço, de caráter universal e





revolucionário, com novos dispositivos comunicacionais que influenciam no diálogo entre as pessoas. Segundo esse pensador, “são os novos dispositivos informacionais (mundos virtuais, informação em fluxo) e comunicacionais (comunicação todos-todos) que são os maiores portadores de mutações culturais, e não o fato de que se misture o texto, a imagem e o som” (Lévy, 1999, p. 63).

Sugerimos ao leitor a associação desse pensamento de Lévy ao que lerá na tabela a seguir, na qual apresentamos a construção de Reyzábal (op.cit.) relativa à comparação entre o rádio e a fita gravada.

**Tabela 2** - Comparação entre o rádio e a fita gravada de acordo com Reyzábal (op.cit. 225)

<b>Rádio</b>	<b>Fita gravada</b>
<ul style="list-style-type: none"><li>• Caráter específico de <i>fugacidade</i>. Não existe a possibilidade de repetir a mensagem.</li><li>• Geralmente a mensagem é <i>unidirecional</i>.</li><li>• Dirigido a <i>audiências amplas</i> e indeterminadas.</li><li>• O caráter fugaz da mensagem dificulta outras atividades que não sejam a escuta.</li><li>• Escuta condicionada a um <i>horário estabelecido</i>.</li><li>• A recepção da mensagem se produz com certa tensão. É difícil uma escuta integrada com outros meios didáticos.</li><li>• É necessária a utilização de uma <i>linguagem simples</i>.</li><li>• Impossibilidade de modificar a mensagem por parte do receptor.</li><li>• Transmite conteúdos de <i>menor complexidade</i>.</li><li>• O caráter instantâneo do meio facilita a transmissão de conteúdos de <i>grande atualidade</i>.</li><li>• Caráter <i>efêmero e conjuntural</i> da mensagem.</li><li>• Não supõe nenhum custo para o receptor.</li></ul>	<ul style="list-style-type: none"><li>• <i>Reversibilidade</i> da mensagem. Possibilidade de voltar atrás à vontade (revisão, retenção, fixação de conhecimentos).</li><li>• Admite a <i>bidirecionalidade</i> da mensagem.</li><li>• Dirigida a <i>audiências específicas</i>.</li><li>• Permite um comportamento mais ativo por parte do ouvinte.</li><li>• Horário flexível. A escuta realiza-se quando o ouvinte deseja.</li><li>• A recepção da mensagem é feita com uma atitude mais relaxada.</li><li>• Permite <i>maior complexidade</i> na linguagem.</li><li>• Possibilidade de o receptor <i>modificar a mensagem</i> (gravar, apagar, ampliar a gravação).</li><li>• Permite uma <i>maior complexidade</i> de conteúdos.</li><li>• A mensagem precisa maior tempo de elaboração.</li><li>• Caráter durável da mensagem.</li><li>• <i>Implica um custo</i> para o receptor.</li></ul>



Aos participantes da oficina de mídia sonora, e demais leitores deste texto, sugerimos que resgatem novamente o pensamento de Lévy (1999) e que repensem essa comparação utilizando agora a *web rádio* e o *podcast online* como referência. Quem desejar compartilhar sua reflexão pode publicar um novo artigo sobre o assunto e assim, por espírito acadêmico, compartilhá-la conosco.

### **A voz é uma chama na formação de comunidade**

Para Paiva, estudiosa da comunicação comunitária, existem diversas leituras possíveis de comunidade na era da globalização. No seu entendimento, comunidade é uma metáfora para a construção de novos laços sociais, pois é “o que permite ao indivíduo e aos grupos vislumbrar a abertura para estender criativamente novas pontes sobre a dissociação humana” (PAIVA, 2003, p. 10-1). Ela e outros autores, como Peruzzo, se dedicam ao estudo da comunicação comunitária, muitas vezes enfocando o trabalho desenvolvido por rádios comunitárias.

Como nascem as rádios comunitárias, a quem elas atendem, quem as financia, que comunidade constroem é um tema que envolve questões políticas, sócio-culturais e religiosas, visto que, em Alagoas particularmente, a maioria das rádios comunitárias são ligadas à políticos locais, outras são ligadas a grupos religiosos e todas sofrem com as dificuldades de se legalizarem e funcionarem dentro da legislação vigente.

Para além das discussões teóricas, os ouvintes desta ou daquela rádio comunitária têm a possibilidade de se comunicar utilizando a mídia sonora, de se reconhecer, de ter questões de utilidade pública local sendo abordadas com mais frequência. Não só viram notícia em tempo de calamidade, de enchentes, mas podem utilizar o veículo de comunicação para se organizar, se politizar, e, mesmo enquanto fazem comida e educam seus filhos na cozinha de sua casa, sentirem-se chamados a um envolvimento maior com seu grupo social, com as pessoas ao seu redor.

É uma questão de ter voz. Quem sabe de ter vez. Mas sem dúvida a voz de uma comunidade acaba se confundindo com a voz do seu locutor e não é à toa que muitos políticos se interessam por esse meio e têm medo de perder seu cargo para o locutor que ousa se colocar a serviço de uma comunidade e por ela passa a ser reconhecido como representante de causas populares.



## Considerações finais

Por fim, observando que este artigo se destina inicialmente ao público do Intercom Júnior também, recordamos que os estudos de recepção é um referencial teórico para quem deseja desenvolver pesquisas sobre a recepção de determinado produto midiático, seja ele uma telenovela ou um programa na linguagem radiofônica.

Para quem deseja fontes de comunicação oral na internet citamos três:

- 1) Blaving, que é o Twitter da voz, onde as pessoas podem postar gravações em mp3 de curta duração e que podem também ser fonte de notícias para reportagens.;
- 2) Os portais de áudio, entre eles o Escute e o Sonora;
- 3) As rádios integradas a jornais presentes na WEB 2.0, como a Rádio Folha, do Folha Online, e a alagoana Rádio Gazeta Web, da Gazeta Web.

Deixamos aqui o convite, para que a partir do conhecimento já construído por outros pesquisadores, os leitores deste texto, os participantes desta oficina, ouçam os sinos internos que os convidam a contribuir para a melhoria da pesquisa científica sobre a mídia sonora, quer seja ela utilizada na comunicação, quer na educação, ou especialmente na educomunicação.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. B. de. Educação a distância na internet: abordagens e contribuições dos ambientes digitais de aprendizagem. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 29, n. 2, Dec. 2003 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022003000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022003000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 27 abr. 2009. doi: 10.1590/S1517-97022003000200010.

BRAIDO, Pietro. **Prevenir, não reprimir**: o sistema educativo de Dom Bosco. São Paulo: Salesiana, 2004, 374p.

FILHO, A. B. **Gêneros Radiofônicos**: os formatos e os programas em áudio. São Paulo: Paulinas, 2003, 158p. (Coleção Comunicação – estudos).

HAANDEL, J. C. van. **Formatos emergentes de criação e transmissão de áudio online**: a construção do *webcasting* sonoro. São Paulo – SP, 2009. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade Católica de São Paulo. Disponível em: <[http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select\\_action=&co\\_obra=149025](http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=149025)>. Acesso em 10 dez. 2010, às 21h25m.



HERREROS, M. C. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Gedisa, 2001, p.2001 (Serie Multimedia/radio).

LÉVY, P. Tradução de Carlos Irineu da Costa. **Cibercultura**. São Paulo: 34, 2000. 264 p. Coleção Trans.

MOORE, M. G. e KEARSLEY, G.. **Educação a distância: uma visão integrada**. Traduzido por Roberto Galman. -- . São Paulo: Cengage Learning, 2008.

PAIVA, R. **O espírito comum: comunidade, mídia e globalismo**. 2.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. p.176.

PRADO, M. **Produção de rádio: um manual prático**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006, 182p.

REYZÁBAL, M. V.. **A comunicação oral e sua didática**. Tradução Waldo Mermelstein. Bauru: EDUSC/INEP/COMPED, 1999, 355p. (Coleção Educar).

#### **Bibliografia consultada:**

FARIAS, I. P.; OLIVEIRA, T.J.G. de. **Rádios Comunitárias em Alagoas: um panorama e uma proposta de capacitação**. 2007. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo. Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes (ICHCA). Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

JACKS, N. (Coord). **Meios e audiências: a emergência dos estudos de recepção no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2008, p.302.

MOURA, M. de A. **Rádios Comunitárias em Alagoas: prática, política, mídia e (i)legalidade**. 2008. 73f. Trabalho de Conclusão de Curso de Comunicação Social, habilitação Jornalismo. Instituto de Ciências Humanas, Letras e Artes (ICHCA). Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

PENA, F. **Teoria do jornalismo**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2008.

PERUZZO, C.M.K. **Comunicação nos movimentos populares**. Petrópolis: Vozes, 2004.

PINHO, J.B. **Jornalismo na Internet: Planejamento e produção da informação on-line**. São Paulo: Summus, 2003. (Coleção novas buscas em comunicação). 282p.



PRIMO, A. F. T. . **Para além da emissão sonora:** as interações no podcasting. Intexto, Porto Alegre, n. 13, 2005. Consultado em <<http://www6.ufrgs.br/limc/PDFs/podcasting.pdf>>. Acesso em 10 abr 2009.

SANTAELLA, L. **O que é semiótica.** Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTOS, H. C. **Reposicionamento do jornalismo impresso.** Consultado em <<http://193.137.91.100/ojs/index.php/5sopcom/article/view/45/46>>. Acesso em 28 nov 2010.

SÓTER, J. L. do N. **Boletim de utilidade pública** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[noemiabito@gmail.com](mailto:noemiabito@gmail.com)> em 14 set 2010.

**Sites consultados:**

[www.blaving.com.br](http://www.blaving.com.br)

[www.escute.com.br](http://www.escute.com.br)

[www.folha.uol.com.br](http://www.folha.uol.com.br)

[www.gazetaweb.com](http://www.gazetaweb.com)

[www.sonora.terra.com.br](http://www.sonora.terra.com.br)